

## **HISTORIOGRAFIA NOS ANNALES: DESAFIO EM LIDAR COM AS FONTES PARA A PRODUÇÃO DA PESQUISA EM HISTÓRIA**

Geisa Carla Gonçalves Ferreira  
Estudante de Pedagogia Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
Email: [geisacarla2420@gmail.com](mailto:geisacarla2420@gmail.com)

Vanessa Sátiro dos Santos  
Estudante de Pedagogia Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
Email: [vanessasatiro82@gmail.com](mailto:vanessasatiro82@gmail.com)

### **RESUMO:**

Este estudo preocupa-se com a discussão acerca do papel do historiador da educação no cenário do avanço tecnológico, enfatizando a necessidade de reconhecimento e tratamento das fontes documentais virtuais. Insere-se no debate acerca da importância das fontes para o pesquisador da história da educação alagoana. Metodologicamente estudou-se tal temática, através de pesquisa bibliográfica nos escritos dos autores Bloch (2001), Febvre (1989), Gondra (2005), Lombardi (2000) Marx (2010), Saviani (2006) entre outros. Os resultados encontrados serão disponibilizados no site do grupo de pesquisa Caminhos da Educação em Alagoas. Concluímos que: a compreensão acerca da corrente filosófica dos Annales faz-se indiscutivelmente basilar aos pesquisadores das ciências humanas, assim como o entendimento do uso das fontes para a produção de pesquisa em educação.

**PALAVRAS – CHAVE:** História. Fontes. Pesquisa em História.

### **INTRODUÇÃO**

A pesquisa acerca das fontes da história da educação não é em si algo novo. Temos muita coisa escrita e muita pesquisa realizada. As fontes históricas são por natureza a matéria prima de quem deseja se inserir na arte de reconstruir o fio da narrativa histórica de uma dada realidade. Assim, é preciso que tenhamos clareza de que a fonte histórica assim como a própria história é um artefato humano. Para isto é preciso que compreendamos que ao tratar de fonte histórica estamos tratando da própria forma de se fazer história. E como desdobramento dessa questão vem outra: a produção do conhecimento histórico no contexto atual. Ao colocarmos isso estamos remetendo a uma reflexão sobre a produção de fontes no cenário de avanço tecnológico.

A partir da década de 1970 do século XX em diante a sociedade conheceu profunda transformação impulsionada principalmente pelo desenvolvimento das forças produtivas. Caracterizado como o amplexo dos extremos (HOBBSAWN, 1994), o século XX

representou, ao mesmo tempo, a era das catástrofes, da barbárie e dos assassinatos em massa. Não menos, exprimiu o predomínio das forças humanas sobre a natureza, em que o progresso científico e tecnológico suscitou modificações econômicas, sociais, políticas e culturais. Nesse século se viveu a queda dos sistemas socialistas de produção e se tornou hegemônica uma economia de mercado – designada por cientistas sociais e economistas como globalização financeira ou mundialização do capital –, ordem econômica mundial que menospreza os direitos sociais e impõe novas regulações às relações entre capital e trabalho. Tendo em vista, que esses processos impactaram a sociedade em escala planetária é importante atentar para as novas relações que o historiador da educação pode imprimir ao seu trabalho no que diz respeito às fontes virtuais. Portanto, neste estudo compreendemos “fontes” na visão de Bloch (2001) e Febvre (1989) quando enfatizam que essas são materializações discursivas de amplo espectro.

## **PERCORRENDO A TRILHA TEÓRICA DA ESCOLA DOS ANNALES**

A História, segundo Bloch, é uma ciência que precisa ser reconhecida enquanto tal... é a velha discussão: "**História é uma ciência ou uma arte?**" que vêm a tona. Para ele [... "a história é busca, portanto escolha". Seu objeto é ‘o homem’, ou melhor, ‘os homens’, e mais precisamente ‘homens no tempo’...]. Por tanto a compreensão e a crítica são discutidas pelo autor como precedentes da análise histórica *e, o historiador, como homem de seu tempo e, por isso mesmo, influenciado por ele* (BLOCH, 2001, p. 10).

Diante desses fatos, compreendemos que um acontecimento histórico está sempre relacionado a outro, assim a produção historiográfica também recebe a influência do momento histórico do qual é produzida. Cabe ao historiador levantar as questões certas, abrindo as possibilidades de análises e de fontes.

Sobre a “legitimidade da história”, entendemos através da visão blochiana que o problema epistemológico da história não é apenas um problema intelectual e científico, mais também um problema cívico e moral, pois para o historiador tem responsabilidades e deve “prestar contas”, certamente a toda a congregação de pessoas que se dispuseram a dar-se como pano de fundo a investigação despontada por este sujeito. As duras críticas tecida a história da educação vêm justamente desse pressuposto, que a pesquisa é vazia e não traz resultados palpáveis, mais nem poderia trazer porque os historiadores trazem impressões carregadas de subjetividade das pesquisas, impressões que remontam épocas, acontecimentos, que não podem e nem devem ser pragmáticas, caso fossem já configurariam outra ciência.

Bloch precursor dos Annales na sua vontade contraria a evolução de um conhecimento científico do qual a história seria repelida para as margens ou até excluída, como infelizmente vemos na modernidade, teve marcado as distâncias do ofício do historiador em relação a sociólogos / economistas, estes outros estudiosos possuem pensamentos e porque não dizer intenções diferentes, em relação ao que fora objeto de estudo e apropriação desse objeto quando pensamos no historiador. Quando se fala em o ofício do historiador, Bloch acentua sua preocupação em definir o historiador *como um homem de ofício*, investigar suas práticas de trabalho e seus objetivos científicos e os para além da própria ciência. Atenta para “o espetáculo da investigação, com seus sucessos e reveses, é raramente tedioso”, esta é certamente uma oportunidade de esclarecer os percalços que a investigação pode trazer ao pesquisador.

A escola historiográfica anterior a Bloch – os Metódicos <sup>1</sup>, que chamam de positivistas – criando um novo método para os historiadores. Buscando assim a interdisciplinaridade, e um diálogo com as Ciências Sociais, não se atendo apenas aos fatos, mas sim a problematização dos mesmos, aliando a outras áreas do conhecimento para se chegar a um saber racional e científico – nota-se aqui que Bloch, assim como historiadores anteriores, os metódicos não renunciaram a História quanto ciência, o que contraditoriamente tornou-se um paradoxo moderno, porque a história muitas vezes passa a ser desvalida de sua perspicácia e se perde em um emaranhado de acontecimentos.

Não se trata mais uma História atrelada apenas aos fatos, às datas, aos relatos, mas a predominância da história na modernidade, articulando a presença da história com os homens. Segundo Bloch “a obra de uma sociedade é remodelada segundo suas necessidades, o solo em que vive é, todos intuem isso, um fato eminentemente ‘histórico’” (BLOCH, 2001, p.35). Busca-se a partir de então, uma história que consiga compreender as relações que se deram através dos fatos, suas problematizações e seus contextos históricos. Eis o motivo da corrente filosófica dos Annales, indicarem que o seu objeto não era o passado, mas o homem, mais precisamente os homens no tempo. Porém nunca se esquecendo de aliar o passado com presente, uma vez que as indagações do presente são o que fazem o historiador voltar-se para o passado.

Sobre o tempo histórico os Annales, foram enfáticos ao criticar a busca dos historiadores tradicionais sobre a “origem<sup>2</sup>”. Pois há entre os historiadores uma necessidade de falar no mesmo tom que o universo pesquisado, e por isso entendemos, que de alguma

---

<sup>1</sup> De Langlois & Seignobos, 1898.

<sup>2</sup> Por origem, entendemos tudo aquilo que se torna intrínseco ao acontecimento dos fatos.

maneira aspectos etnocêntricos estão imbricados nessa análise, uma vez que os historiadores parecem ter que se transportar para o universo pesquisado, havendo a necessidade de absolvição dos aspectos culturais do contexto pesquisado.

A escola do Annales trouxe à tona a discussão sobre a interrogação que os historiadores possuem, porém acentuou que as interrogações têm de se pautar em nortes corretos, em orientações prévias, não se faz pesquisa a partir do nada, a de se ter um ao menos um ponto de partida. Nesta corrente filosófica, é desprezada de quantidade de detalhes que a perspectiva histórica positivista mantém, pois para muitas vezes as origens dos fatos acabam tendo um aspecto negativo uma vez que impossibilitam o historiador de articular seu pensamento atual (presente) com o que ocorreu com os fatos no (passado), a esta impossibilidade de dialogicidade entre os tempos que alguns historiadores possuíam ele teceu críticas duras.

Bloch e os Annales estabeleceram a seguinte relação: passado/presente → indissociáveis, logo existe uma relação dialética entre o que aconteceu / suas consequências / e seus resultados. Por esse motivo há uma configuração de corte, passado (histórico) X presente (não histórico), pensamentos surgiram uma de suas célebres frases *A ignorância do passado [...] compromete no presente a própria ação.*

Através da observação histórica e os testemunhos, entendemos que “[... não existe outra máquina de voltar no tempo senão a que funciona em nosso cérebro, com materiais fornecidos por gerações passadas...]” (BLOCH, 2001, p. 70). O historiador, na sua leitura, não deve se atrelar apenas aos documentos escritos (relatórios de guerras, nos arquivos governamentais...), mas devem trabalhar também os testemunhos não escritos (testemunhos, história oral...), em particular os da arqueologia (estes corroboram ao longo da construção história da humanidade efetivamente).

Os historiadores carecem de instrumentos de navegação, o que não configura algo fácil, diga-se de passagem, mais que mesmo assim o historiador terá sempre apenas uma face do que se propõe a pesquisar. Deixemos de ser obcecado pelo relato, sabendo que não vamos conseguir saber e conhecer tudo a respeito do passado, pois o conhecimento deve construindo assim através de vestígios – uma vez que sabemos que o historiador não tem contato direto com seu objeto de estudo –, mais que pode reconstruir esse passado, se apoiando não apenas na História, mas aberto a outras possibilidades que as outras ciências podem ceder, a interdisciplinaridade de relações das ciências oportunizava na perspectiva de Bloch um novo horizonte para o que estava sendo pesquisado. Para ele o passado estará sempre em processo e progresso, mudando muitas vezes seu modo de compreendê-lo, podendo ser escrito de

maneira diferenciada de acordo com a visão de cada historiador e/ou do leitor, a reafirmação disso esta em Apologia da História “são realidades que nós próprios captamos e que exploramos por um esforço de inteligência estritamente pessoal” (BLOCH, 2001, p. 83). É por esse motivo que Bloch acreditava que o historiador não fica a mercê apenas do que é dado, pois ele pode interferir através de suas escolhas, da orientação de seu olhar, e inclusive pela pesquisa atrelada a outras disciplinas. Sabemos que “o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e se aperfeiçoa”. Entendemos a preocupação de Bloch, a respeito da manipulação, que passa a ser de ordem pessoal, que cada historiador imprime em suas investigações, ela em muito contribui para o tom da pesquisa.

Apesar de o passado não se modificar, a coleta de informações para a defesa de uma perspectiva e a construção histórica segundo Bloch não se constitui como algo fácil, pois é necessário ir além do que as fontes revelam, pois como já citamos anteriormente ele defende que as fontes não falam sozinhas, e para que expressem algo efetivamente determinante carecem de bons questionamentos, de perguntas certas. O ofício do historiador faz com que ele lide com

[... realidades que nós próprios captamos e que exploramos por um esforço de inteligência estritamente pessoal, por indagações corretas, por questionamentos precisos, pelo contato com bom material de análise, e pela capacidade de sobressair da realidade dos fatos, como verdades que não necessitam de interpretação...] (BLOCH, 2001, p. 86).

Bloch desenvolveu uma “tentativa de lógica do método crítico”, para que a História pudesse compor o rol das ciências, deixando transparecer que a História é realmente uma ciência, e que precisa ser reconhecida como ciência igualmente como as outras, ciência natural, por exemplo, mesmo que seus antecessores tenham tentado fazer isso, mas ainda considerando a História como inferior –, Bloch justificou a História repassando um método próprio. Com isso o historiador mostrará ao homem um novo caminho “rumo à verdade e, por conseguinte, à justiça”.

Esta ideia por ser um homem medievalista, época conhecida “historicamente” pelas contradições – mentiras, presentes nas nos escritos, muitas delas que mais tarde foram reveladas, atentou ele para a necessidade dos historiadores aceitarem as imperfeições de seus objetos de investigação, porém não afirma que utilizem isso como fator positivo, na medida em que se desvendem as imperfeições que forem surgindo no intuito de explicá-los para a humanidade, pois nesse sentido o historiador estará não apenas interpretando os acontecimentos, mais estará forjando dada realidade.

Bloch reconheceu que a crítica do testemunho histórico faz a tabula rasa da credulidade, por ela proceder como ciência implacável, uma vez que inverte todas as bases antigas a fim de conseguir com isso novas certezas, ou grandes possibilidades, que serão pelos historiadores devidamente comprovadas. Para separar documentos falsos de verdadeiros, o historiador deve estudar a escrita da época, os fatos contemporâneos ao documento, os interesses por trás da decisão tomada, o suporte histórico entre outros fatores, estes elementos são determinantes, e reafirmam a necessidade da crítica. Para Bloch a crítica a uns documentos se desvelada com veemência pode desmascarar vários “impostores”, frutos da própria falsificação que por vezes se fez tão fascinante a alguns, em sua intenção se faz preciso lutar com o documento para que ele confesse tarefa difícil! Porém não impossível (BLOCH, 2001).

A história deveria julgar ou compreender? A análise histórica usa como exemplo o juiz e o historiador. Toma como defesa que o historiador deve compreender e não julgar! Não é trabalho do historiador julgar outras civilizações, mas sim de compreendê-las. A corrente filosófica dos Annales ironiza sobre a eventualidade que o historiador tem de atribuir “juízo de valor” ao objeto de estudo pesquisado, ou até mesmo de atribuir isenção absoluta e se manter “passivo” frente ao material que dispõe, são posturas estas que como aponta ele enfraquecem e minam em nosso olhar o objeto e o resultado do estudo do historiador, em suas palavras [... esquecemos que um juízo de valor tem sua única razão como preparação de um ato e com sentido apenas em relação a um sistema de referências morais...] (BLOCH, 2001, p. 102). Esta relação de juízo de valor configura um dos grandes problemas da historiografia tradicional, que por muitas vezes realizava escolhas entre o bem e o mal / civilizados e os primitivos e assim por diante. Eis as origens do preconceito! A história como ciência remete-se a compreensão do homem, é preciso que essa compreensão dê conta de uma perspectiva de duração dos acontecimentos.

Revelando que uma sociedade não é melhor nem pior que a outra, e revelando que é por meio da análise histórica que se inicia realmente o trabalho do historiador, sempre atento para os julgamentos. A ideia que o historiador é quem faz o seu recorte histórico e, conseqüentemente “escolhe e peneira” o seu ponto de estudo, indicando que não é obrigatório o saber de todo o conhecimento do passado, uma vez que a noção de fonte é continuamente ampliada, nos diz que a veemência dos fatos pode estar em contraposição à realidade. Para que a análise de algo se concretize faz-se necessário a presença da linguagem, porém a linguagem pode sim se tornar uma espécie de problema para os historiadores, pensemos nas

armadilhas de nomenclatura e de entendimento e muitas vezes na atividade decifratória da mesma.

Através dos Annales entendemos que a mesma linguagem que comumente pode parecer neutra, ora se faz parcial a interpretação de qualquer indivíduo. Por estas inquietações que permeiam o ofício do historiador, faz-se necessário na perspectiva de Bloch que os historiadores, analisem e aprofundem sua leitura (não apenas a documentos, que não são o centro das atenções, mais as consciências humanas, na medida em que são essas que nos dão a condição de sermos históricos, ao Annales defendiam que é dessa combinação que nasce a análise mais adequada da história ao longo do tempo, para que engendrem a uma conclusão, mesmo que primária e de constantes modificações dos fatos ao longo do tempo.

Bloch atacou o determinismo histórico foram analisadas as causas dos fatos históricos, e que tais causas não são postuladas e sim buscadas, não tendo como pré-determinadas – aqui fazendo uma crítica ao positivismo –, que um acontecimento é atrelado ao outro e que as produções do próprio historiador terá consequências e influências. Esta busca de uma causa única para os fatos históricos complexos seria uma das formas abomináveis de juízo de valor. A história é ainda uma ciência em obras, e que cabe a nós colocarmos a mão a obra para realizarmos-la, da maneira mais adequada possível. “Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens” (BLOCH, 2001, p. 122).

A corrente filosófica da Escola dos Annales, nos influencia historiograficamente, afinal ainda escrevemos como Annales. Seguindo esse pensamento não se pode desvincular que uma Escola influenciou a outra. No decorrer da leitura, Bloch reafirmou que não consegue negar seus “pais” (metódicos), assim como nós também não conseguimos, somos cartesianos e ainda seremos por muito tempo, mas rumamos para um horizonte de valorização dos homens no tempo. O pensamento dos Annales nos ensinou a *compreender, problematizar, contextualizar*, etc., não apenas estudando os fatos isolados, mas também os entendendo, iniciando primeiramente com a História das Mentalidades, abrindo as possibilidades de análises, de fontes, de escrita, dando certa liberdade ao historiador para não se ater apenas aos documentos oficiais e seguir etapas metódicas para a construção da História.

## **FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

As fontes para a história da educação possuem como define Tambata apud Saviani (2006, p. 79) “caráter exógeno, pois estão vinculadas a manifestações exteriores ao próprio

desenvolvimento da investigação. Neste sentido, entendemos que fonte para a história da educação, diz além do que o pesquisador busca, neste sentido as fontes possuem etimologia de resquícios de uma realidade, na medida em que interpretamos – as, partirmos do ideário de objeto inanimado para a compreensão dos Annales que é através da realidade que mergulhamos no passado para melhor compreender o presente.

Explicitaremos através da concepção de (NUNES; CARVALHO, apud GONDRA, 2005, p. 29) o motivo a importância das fontes para a história da educação, este se traduz como um motivo simples “os historiadores da educação dependem, nas suas investigações, não apenas de questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas, mas também dos materiais históricos que não podem contar”. No entanto não perdemos de vista, que a discussão acerca das fontes é também uma reflexão sobre os limites do desenvolvimento de qualquer pesquisa.

Neste sentido identificamos necessária a ressalva de Saviani (2006, p.6), quando alerta que

As fontes são o ponto de origem, a base e o ponto de apoio para a produção historiográfica que nos permite atingir o conhecimento da história da educação brasileira, releva de importância o desenvolvimento de uma preocupação intencional e coletiva com a geração, manutenção, organização, disponibilização e preservação das múltiplas formas de fontes da história da educação brasileira.

Somos filhos de uma corrente educacional, que acredita que a pesquisa em história deve superar os limites que se fazem cada vez maiores, tanto dos paradigmas tradicionais quanto da chamada história das mentalidades, se faz hora de a sociedade entender que não se constitui como ser inanimado no tempo e no espaço, compreender que todas as ações cotidianas, dão origem a múltiplas histórias, histórias essas diferentes, divergentes e até mesmo contrapostas entre si, impedindo sua articulação numa história unificada (RODRÍGUES, apud COSTA; MELO; FABIANO, 2010).

## **FONTES VIRTUAIS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

A conotação da palavra Fonte encaminha o leitor sempre para duas vertentes, uma para o significado de ponto de origem e por outro lado significa ponto de apoio. Ao certo a produção de conhecimento parte de um registro, uma marca, algo que possibilite ao sujeito a capacidade de investigação, afinal ninguém pesquisa no nada, pois as ações de natureza empírica carecem

de um ponto de partida, neste sentido as fontes são como diz Saviani (2006, p. 3) “São documentos, vestígios, indícios que foram se acumulando ou foram sendo guardados aos quais percorremos quando buscamos compreender determinado fenômeno”.

Neste sentido entendemos a natureza das fontes para a nossa pesquisa, os documentos encontrados no espaço *ciber*, acerca da produção histórica de alagoas desde a década de 1990, serão o nosso ponto de partida, o nosso horizonte de busca. Porém entendemos que o espaço *ciber* da rede mundial de computadores, é um universo ainda novo na pesquisa em história da educação, no sentido de campo de estudo, desde o fim do século XX e principalmente na primeira década do século XXI o acesso à informação através da internet eclodiu no mundo inteiro, esse alavanque que marca a sociedade que vivemos como “sociedade da informação<sup>3</sup>”, por um lado acentua a capacidade agora ainda mais marcante de produção e socialização de conhecimento, mais por outro torna a vida apenas comunicativa, a informação adentra a vida dos sujeitos com a mesma agilidade que é descartada, somos invadidos cotidianamente pela mídia falada, impressa, disponível em rede, pelos anúncios, pelas propagandas, mas assim que nos utilizamos daquela informação descartamos-as de nossa vida.

A rede mundial de computadores disponibiliza cotidianamente diversos materiais, que nem são vistos, e que a maioria da população nem tem conhecimento, com a mesma rapidez que a informação é publicizada ela também pode deixar de estar disponível para acesso. No nosso caso de estudo, lidamos com essa peculiaridade, além de o grosso da população não saber que existem fontes documentais virtuais da história da educação de alagoas, aqueles que sabem correm o risco de a informação sair do ar, há a possibilidade de o administrador do site, por exemplo, retirar o conteúdo do ar, e essa é uma questão que merece a atenção, pois na medida em que o conteúdo possui um viés educativo, e remonta aspectos de uma sociedade configurando uma memória viva sobre determinado tema, e ele deixa de ser acessível ocorrem danos de caráter muito subjetivo aos sujeitos que deixam de contar com aquela informação. Porque como acentua (NUNES; CARVALHO, apud GONDRA, 2005, p. 29)

A reflexão sobre as fontes é ao mesmo tempo uma reflexão sobre os limites não só as práticas institucionais, no que diz respeito à localização, conservação e divulgação dos acervos, mas também a práticas discursivas no âmbito educacional.

---

<sup>3</sup> Trazemos este conceito, pelo fato de nas últimas décadas os meios e as ferramentas para comunicação, terem ascendido e deste modo melhorado os padrões atuais de vida humana em relação às outras épocas da história da humanidade. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

Esses limites apontados por (NUNES; CARVALHO, apud GONDRA, 2005), em relação ao uso de fontes na educação, somos filhos de um contexto educacional que por um lado exarceba a produção da informação, mais que por outro não entende a dimensão indispensável que é a conservação da memória documental da sociedade, seja ela de via impressa ou virtual. O resgate das informações no âmbito virtual tenta iluminar os sujeitos sobre sua própria história por que

Os perigos da nova tecnologia, seus desafios estão ligados a sua rápida obsolescência. Um livro abre-se sempre a leitura. Os segredos que guarda precisam ser decifrados, mas o olhar percorre suas páginas. Os códigos de leitura necessitam ser partilhados e construídos historicamente. No entanto, seu fechamento nunca é tão completo quanto o disquete ou fontes virtuais, cuja leitura deve ser sempre mediatizada por uma máquina (VIDAL, apud, SAVIANI, 2006, p. 7).

Além disso, à medida que são descobertas as fontes da história da educação alagoana, além apenas do reconhecimento há um processo de legitimação das concepções filosóficas, sociológicas, antropológicas do momento histórico pesquisado, há de se guardar as memórias de uma sociedade de todas as maneiras possíveis, porque a mesma tecnologia que esta a nosso favor pode também agir contra nós.

A localização, organização e socialização das fontes documentais da história da educação alagoana, tornam-se pertinente ao passo que torna ainda mais palpável para os sujeitos a elucidação de informações que por infelizmente não ter tanta visibilidade são escassas da circulação midiática muitas vezes.

A sociedade em que vivemos que se configura pelo *ser* em função do *ter*<sup>4</sup>, oriunda da hegemonia do modo de produção capitalista, apesar de ser altamente comunicável e informatizada despreza informações que apresentem um valor sócio – histórico, nas palavras de (NUNES; CARVALHO, apud GONDRA, 2005, p. 33) “o uso do documento do ponto de vista científico e cultural, raramente é considerado”. Vivemos num período que não buscamos a informação, mais ela nos é empurrada devido a todas as exigências que a sociedade moderna cobra dos sujeitos, por esse motivo a informação apenas pela informação sem nenhum cunho educativo muitas vezes tem chegado todos os dias a nós e nos interpelado pelas necessidades que temos.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

---

<sup>4</sup> Tecemos essa crítica, através de nossas leituras da Teoria Crítico Social de Karl Marx.

Este texto nasceu dos estudos iniciais da pesquisa de iniciação científica – PIBIC, intitulada Fontes Documentais Virtuais da História da Educação Alagoana, surgiu com caráter de escrita analítica – descritiva, porém ao longo das leituras e das reuniões com a orientadora da pesquisa, surgiu o interesse em discorrer de modo reflexivo sobre a temática.

Diante disso a compreensão ainda que em estágio primário da corrente filosófica da Escola dos Annales, apesar de se configurar para nós como um horizonte novo a ser desbravado, já intuiu de diversas maneiras as proposições teóricas da corrente, não há como não se reconhecer no tempo e no espaço após a leitura da Escola dos Annales, este fora um dos aspectos que identificamos como resultado de nosso estudo.

Após o primeiro contato com a concepção Blochiana de história, os sujeitos passam a se reconhecerem, reconhecerem a configuração social que vivem, e passam a atribuir credibilidade aos atos cotidianos da vida, uma vez que rompem com a perspectiva que história é apenas coisa do passado, a história é a tradução teórica da vida humana, é a compreensão da dimensão ser e relações sociais. Em consonância a estes aspectos é possível, estabelecer relações com a constituição social da humanidade, pois se torna possível entender elementos da história não ditos na escrita dos acontecimentos, como por exemplo, o juízo de valor presente nas análises, a relação sujeito e tempo – histórico, a própria análise histórica entre outros fatores.

Entendida a concepção teórica dos Annales, o debate acerca das fontes para a educação, principalmente para a produção na história da educação, assume fator determinante, pois se a pesquisa não pode se esgotar nos limites institucionais, como aponta (NUNES; CARVALHO, apud GONDRA, 2005) e deve também chegar a práticas discursivas no âmbito educacional e social, o manuseio das fontes que por hora remetem o pesquisador a determinado momento histórico, carece também de atenção. As fontes são para a história como a água para as plantas, a história além de pesquisa bibliográfica, reflexão e discussão necessita também de acervos concretos, objetos que possam ser palpáveis a análise empírica.

É neste sentido que versamos sobre as fontes virtuais, estas oriundas da modernidade possibilitam ao pesquisador mais rapidez e agilidade no levantamento de dados, além de oferecerem um leque amplo de informações, porém mesmo com toda essa agilidade propiciada pelo universo digital da rede mundial de computadores, os pesquisadores também correm riscos no manuseio destas, pois como atenta Saviani (2006) “Os perigos da nova tecnologia, seus desafios estão ligados a sua rápida obsolescência”. Sabemos que a expansão da informação na modernidade tem contribuído para o alargamento dos horizontes de diversas

áreas, torcemos para que a promoção cada vez mais crescente da publicização dos acontecimentos contribua também para a legitimação da história.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Claudia. **Acervos bibliográficos para a história da educação**. Niterói, RJ: EDUFF, 2001.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion ;VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COSTA, Célio Juvenal; MELO, José Pereira; FABIANO, Luís Hermenegildo (Orgs.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS : Ed.UFGD, 2010.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Trad. Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- GONDRA, José Gonçalves (org.). **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos: breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- LOMBARDI, José Claudinei. **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: 2000.
- SAVIANI, Demerval. **Breves considerações sobre fontes para a história da educação**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006.
- SAVIANI, Demerval. **História e história da educação**. 3. ed. Campinas – SP: Autores Associados: HISTEDBR ,2006.
- TRAINA, Agma; JÚNIOR, Caetano Traina. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. SBC Horizontes, V. 2, n. 2, p. 1-6, ago. 2009.